



# O CINEMA EM PRÁTICAS EXTENSIONISTAS: PENSANDO AS POTENCIALIDADES DA UNIVERSIDADE E DO PÚBLICO

**Palavras-Chave:** Cinema Universitário, Extensão Universitária, Público

**Autoras:**

**Giovanna Maria Santos Scheavolin, Faculdade de Ciências Aplicadas**  
**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carolina Cantarino Rodrigues (orientadora), Faculdade de Ciências Aplicadas**

---

## INTRODUÇÃO:

Pensar o cinema enquanto “algo” além das telas não diz respeito apenas ao que está por trás da obra; não está apenas ligado ao roteiro, direção ou cinematografia. Está no pressuposto de que há outro ator para além da película: o espectador. Temos o cinema como um instrumento potencial de percepção da realidade (BARRETO, 2017) que revela múltiplas dimensões do que contempla o indivíduo, o social. Auxilia no entendimento de dimensões dissipadas: política, direitos, democracia, cultura.

Atribui-se ao cinema várias potencialidades: o cinema enquanto entretenimento, o cinema enquanto indústria, o cinema enquanto pensamento, o cinema enquanto arte. O cinema também é concebido enquanto uma tecnologia que pode incitar a alteração da percepção:

(...) o cinema é descoberta e construção do homem, realização de uma historicidade com potencial de autocriação que submete a humanidade a um novo modo de consciência e de conhecimento, de apreciação e de representação, e sua força está na relação entre o universo desvendado na consciência do espectador e o aparato técnico que o possibilita. (BARRETO, 2017, p. 20)

Isso quer dizer que pode ser concebido como um catalisador ou propulsor de pensamentos, percepções e sensações no público, fomentando a reflexão e discussão. Desse modo, faz sentido pensar que o papel do espectador não é meramente decifrar as mensagens emitidas pelo autor da obra: o espectador interage, de sua própria maneira, fomentando outras interpretações e que dialogam com a sua percepção.

O cinema compartilha premissas similares com a extensão. Uma das diretrizes estabelecidas pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2012) é a interação dialógica: as relações feitas através da ação

extensionista devem objetivar o diálogo e o intercâmbio entre conhecimentos, propiciando a aprendizagem mútua, estreitando o relacionamento entre universidade e sociedade.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. (FORPROEX, 2012, p. 8)

Nesse sentido, uma prática extensionista não pode ser concebida como transmissão de conhecimento ou atendimento de uma demanda social isolada, e sim caracterizada como um processo mútuo, marcado pela reciprocidade, possibilitando a permuta de conhecimentos e aprendizagens entre todos os envolvidos, ou seja, a extensão não é um componente isolado, mas interligado à pesquisa e ao ensino, atendendo às funções estabelecidas constitucionalmente para a universidade (BRASIL, 1988), em especial ao princípio da indissociabilidade entre os processos acadêmicos (Ensino, Pesquisa e Extensão).

Unindo o caráter intrínseco de coprodução de conhecimento da extensão com as possibilidades de educação proporcionadas pelo cinema, buscou-se investigar o que acontece quando cinema e extensão se articulam em iniciativas e projetos na universidade: como o cinema transita pela extensão, quais são os desdobramentos das práticas extensionistas que envolvem essa manifestação artística e, ainda, como se dá a produção de conhecimento entre eles, cinema e extensão.

## **METODOLOGIA:**

Temos por objetivo principal entender como a universidade se relaciona com o público a partir das suas atividades e práticas dedicadas ao cinema, em especial dentro da Unicamp; para entender e responder essas questões principais, desenvolveram-se as ferramentas para a elaboração deste relatório, descritas a seguir.

### **1) Estudo dirigido**

Em esta etapa, dedicou-se a entender a relação entre cinema, educação, percepção e imagem, através de leituras selecionadas nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, da Filosofia e das Artes, fornecendo embasamento teórico.

Aliado ao estudo dirigido de O Espectador Emancipado de Rancière, houve a leitura dos artigos “Percepção e realidade” e “Cinema e ciência, natureza e cultura”, ambos escritos por Márcio Barreto (também coordenador do Cine Vagalume e futuro entrevistado) que traz a noção de um cinema que é “filho da ciência e pai de uma nova arte”, unindo a técnica e o onírico, o cultural.

## **2) Mapeamento da ação extensionista**

Processo de mapear e investigar ações extensionistas que se relacionam com o cinema, priorizando as ações desenvolvidas dentro da Unicamp. Dada a familiaridade, por ser um projeto desenvolvido na Faculdade de Ciências Aplicadas, foi escolhido o Cine Vagalume.

A partir daí, os esforços se concentram em buscar materiais disponíveis nos canais de comunicação da universidade sobre o projeto com o intuito de assimilar a missão do projeto e como ele se configurava no contexto da Unicamp.

Num segundo momento, foi estabelecido contato com o responsável pelo projeto, o Prof. Dr. Márcio Barreto, docente da FCA e idealizador do Cine Vagalume. Combinando o estudo dirigido com o que se sabia até então sobre o projeto, foi elaborado uma série de perguntas, com base nas leituras e em sugestões da orientadora. A entrevista foi realizada de maneira remota, atendendo as necessidades impostas pela conjuntura atual, no dia 1º de março de 2021, às 20h, com duração de 55 minutos. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

Os resultados foram divididos em 3 seções. As duas primeiras, fornecendo embasamento teórico. A última, apresentando um estudo de caso:

### **1) Potencialidades do público**

Aqui buscou-se referencial sobre o Espectador e seu papel. Para adensar a discussão sobre público (e indivíduo espectador), citamos a obra “O Espectador Emancipado”, de Jacques Rancière, que traz a luz a lógica da emancipação intelectual, propondo igualdade de inteligências, onde cada sujeito tem o potencial e capacidade de produzir formas de sapiência, não apenas desvendando códigos do autor da obra. A emancipação, portanto, seria um processo tão político quanto artístico.

Paralelamente, a extensão universitária propõe o mesmo pé de igualdade nas relações: temos um conceito semelhante, a “interação dialógica”, que consiste no processo em que a Universidade e Comunidade estão em uma via de mão-dupla de produção de conhecimento, não apenas restrito ao acadêmico, científico, mas aberto ao popular. Ou seja, a universidade não é a única via de “capacidades”.

### **2) Potencialidades da universidade**

Depois, houve conceituação do papel da universidade através da extensão. Quando falamos em ação extensionista, a interação dialógica configura papel primordial, praticamente intrínseca à extensão universitária. Para além de ser uma das diretrizes extensionistas propostas pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2012), a interação dialógica caracteriza um movimento contínuo do conhecimento, isto é, a universidade não é a única responsável pela produção de saberes. A extensão reconhece uma troca e aprendizagem mútua.

Além do caráter dialógico, devemos destacar aqui outra diretriz importante: a indissociabilidade, não só estabelecida pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras, mas também assegurada constitucionalmente. Trata-se do vínculo entre ensino-pesquisa-extensão, ou seja, extensão não funcionaria como um componente isolado, mas sim em conjunto (e equidade) com ensino e pesquisa.

### **3) Estudo de caso**

Por fim, temos uma análise do Cine Vagalume, buscando entender, na prática, as potencialidades de público e universidade, interagindo entre si.

Na Faculdade de Ciências Aplicadas, em Limeira, em 2016 surge o Cine Vagalume, projeto e supervisionado pelo docente Márcio Barreto. Desde então, tem sido espaço para as atividades de ensino, pesquisa e extensão. O Cine Vagalume surge com o intuito de exibir filmes para a comunidade interna e externa da FCA, através de programações semanais divulgadas dentro do Campus e em mídias sociais. Porém, a sala de cinema apresenta alguns outros desdobramentos, desde a utilização de docentes para exibição de filmes em disciplinas até um convênio com a prefeitura de Limeira e exibição de filmes para alunos de escolas públicas da cidade. É importante ressaltar que, mesmo as atividades ligadas ao ensino desenvolvidas na sala (exibição de filmes para fins didáticos) são intrínsecas a extensão (o filme exibido na disciplina acaba entrando para a programação semanal do Cine Vagalume).

Ainda sobre a ligação do projeto com a dimensão de ensino, a FCA conta com uma disciplina desenvolvida dentro da sala de cinema: NC010 – Cinema e Percepção Pública da Ciência. A disciplina que consiste na exibição de filmes seguidos de debates possui a característica de ter suas aulas abertas ao público externo (a disciplina oferece 60 vagas para discentes e 40 assentos reservados à comunidade externa).

Enquanto sobre a dimensão de pesquisa, o projeto está intimamente ligado ao Laboratório de Educação Interdisciplinar (LEI), laboratório de pesquisa que faz parte do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS). O LEI visa pesquisar os resultados das práticas interdisciplinares na FCA, que tem a interdisciplinaridade como um dos conceitos centrais desde a sua concepção. Segundo o próprio docente, nas sessões e discussões surgem indícios sobre a percepção pública da ciência que se desdobram em artigos e capítulos de livros, fomentando a produção acadêmica.

Através dessas discussões fomentadas após as sessões de filmes, podemos entender, na prática, a proposição sobre interação dialógica, desdobramento fundamental quando se fala em extensão universitária. Nesse processo, é possível ver como as pessoas se relacionam com a obra, trazendo perspectivas que conversam com suas vivências individuais. Desse modo, é possível entender que, o Cine Vagalume não opera de modo restrito de entrega, mas sim de mutualidade, fomentando um espaço plural que acolhe a percepção do espectador.

## CONCLUSÕES:

Ao analisarmos o projeto de extensão Cine Vagalume percebemos que as ligações com ensino e pesquisa coexistem, atendendo ao critério de indissociabilidade. Além de entender como o projeto se relaciona com essas dimensões, foi possível identificar as potencialidades tanto do público quanto da universidade nesse processo de cocriação de conhecimento.

Ainda sobre o processo de percepção, não devemos deixar de mencionar o protagonismo do público nesse movimento. As vivências individuais de cada um em comunhão com a obra selecionada são o que orientam as discussões na sala de cinema: a nível introspectivo, através da percepção em si e das reflexões internas, e um debate literal, com a verbalização e troca de conhecimentos (interação dialógica, para extensão).

Adicionalmente esses debates fomentam além do escopo extensionista: se alinha com ensino (disciplina NC104 - Cinema e Percepção Pública da Ciência) e pesquisa (Laboratório de Educação Interdisciplinar (LEI) e seus respectivos impactos.

Assim, é possível concluir que o cinema tem desempenhado um papel importante para o sucesso do projeto extensionista, seja como arte, seja como potencializador da percepção ou indutor de discussões que mantém o projeto comprometido com a indissociabilidade.

## BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Márcio. Percepção e realidade. **ClimaCom** [online], Campinas, ano.4, n.9, Ago. 2017. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=7288> Acesso em: 21 abr. 2020.

BARRETO, Marcio. Cinema e ciência, natureza e cultura. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 19-38, maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/18071384.2017v14n2p19/34018>. Acesso em: 21 abr. 2020.

RANCIÉRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Editora Orfeu Negro, 2010.